

O BRINCAR NA PEDAGOGIA WALDORF: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

Chiara Bataglini¹

Regina de Jesus Chicarelle²

RESUMO: O objetivo geral do presente estudo é refletir acerca da importância do brincar para o desenvolvimento da criança, segundo a Pedagogia Waldorf. Nos reportamos a alguns autores, os quais são aporte teórico sobre o brincar no âmbito da Educação Infantil da Pedagogia Waldorf, como neste nível de ensino na realidade brasileira, os quais são: Lanz (1979), Abramovay e Kramer (1984), Kügelgen (1984), Hemleben (1989), Steiner (1994a; 1994b; 1996), Kuhlmann Júnior (2000) e Ignacio (2014) entre outros. A metodologia adotada no nosso trabalho é de caráter bibliográfico. As possíveis contribuições da Pedagogia Waldorf à educação infantil brasileira podem residir na ampliação do conhecimento sobre outras formas de atuação na Educação Infantil, bem como em transformar práticas pedagógicas opressoras, apoiadas em rotinas sistematizadas por regras e comandos, em contenção de movimentos infantil, as quais podem impedir a expressão da criação, da imaginação, da fantasia na criança. Há necessidade de valorizar a natureza, adotando brinquedos feitos de madeira, lã e algodão, deixando a criança livre para brincar na terra, na areia e com folhas de árvores, por exemplo. Esses mesmos brinquedos devem ser inacabados para exigir a criatividade e a imaginação da criança, como pedaços de madeira, pedaços de pano, boneca sem expressão definida. O professor é o exemplo que a criança imita, assim, ele deverá ter uma postura equilibrada e de cuidado com o ambiente, como cuidar das plantas, dos animais e dos pertences à sua volta. Proporcionará atividades e brincadeiras para a criança, no entanto apenas a convidará a participar, assim, se envolverá com as atividades propostas a criança que se sentir à vontade, buscando sempre a liberdade de escolha.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf. Educação Infantil. Brincar.

ABSTRACT: The main goal of the current study is to ponder on the importance of playing for the development of the child, according to Waldorf Education. We referred to some authors, who are the theoretical input about playing in the context of the Early Childhood Education of the Waldorf Education, in this level of instruction in the Brazilian reality, which are: Lanz (1979), Abramovay and Kramer (1984), Kügelgen (1984), Hemleben (1989), Steiner (1994a, 1994b, 1996), Kuhlmann Júnior (2000)

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá

² Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática da Educação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

and Ignacio (2014) among others. The methodology adopted in our work is bibliographic. The possible contributions of the Waldorf Education to Brazilian children's education can be found in the expansion of knowledge about other forms of behavior in Early Childhood Education, as well as transforming oppressive pedagogical practices, based on routines systematized by rules and commands, containing child movements, which can prevent the expression of creation, imagination, fantasy in the child. There is a need to value nature by adopting toys made of wood, wool and cotton, leaving the child free to play on land, in the sand and with leaves of the trees, for example. These same toys must be unfinished to demand the creativity and imagination of the child, such as pieces of wood, pieces of cloth, doll without a fixed expression. The teacher is the role model that the child imitates, so he should have a balanced posture and care for the environment, such as caring for plants, animals and belongings around him. He will provide activities and games for the child, but will only invite them to participate, thus, will be involved with the proposed activities the child who feels at ease, always seeking freedom of choice.

Key words: Waldorf Education. Early Childhood Education. Play.

1 INTRODUÇÃO

Estudar acerca da criança pequena em ambiente escolar é uma ação importante, complexa e desafiadora diante do contexto da sociedade brasileira. É necessário destacar que a educação infantil no Brasil é algo novo, que nem sempre foi tratada como prioridade pelo Estado e cuja função já se modificou várias vezes, sendo, ainda hoje, algo não totalmente resolvido. Sabemos também que a abertura de vagas para crianças pequenas em escolas se dá pela necessidade de os pais trabalharem e não terem com quem deixar seus filhos, e, talvez, se não houvesse tal fato, o Estado investiria ainda menos nessa faixa etária. Ainda, a maior preocupação existente é a do cuidado e não uma educação que promova desenvolvimento cognitivo, psíquico, físico e social para a criança.

Segundo Kuhlmann Júnior (2000) as diferentes concepções que perpassaram a educação infantil no Brasil são as seguintes: assistencialista, puericulturista, jogos/brincadeiras e desenvolvimento/cognição/recreação. As autoras Abramovay e Kramer (1986) também fizeram uma análise sobre as funções da pré-escola e destacaram as de guardar as crianças, compensar as carências infantis, promover o desenvolvimento global e harmônico delas, instrumentalizá-las e favorecer o processo de alfabetização. Nós nos estenderemos sobre essas funções que

perpassaram, e perpassam ainda, a educação infantil no Brasil, no desenvolvimento do texto.

O nosso foco neste trabalho é o brincar na educação infantil, muitas vezes esquecido pela escola, que prioriza, de um lado, o extremo cuidado e, de outro, a alfabetização precoce ou a preparação para tal que será realizada no primeiro ciclo do ensino fundamental, deixando a criança sem o tempo para brincar. Muitas vezes, o brincar também é utilizado para se preencher a rotina, não sendo uma prioridade do professor com o aluno, pois só se brinca quando sobra tempo, assim, o brincar não é pensado pedagogicamente. Mas, afinal, o que é o brincar?

Brincar é entretenimento, distração, movimentos soltos e alegres que necessitam da existência de estruturas como a física e humana para que ocorram. São necessários espaços abertos, fechados, pisos com texturas diferentes, grama, areia, pedra, terra, árvores, arbustos, flores, folhas, brinquedos para se utilizar ao ar livre, brinquedos para ambientes fechados, que atendam à estrutura física de cada criança, tanto do bebê que ainda não engatinha até a criança de sete anos que já anda, corre, pula e tem seu corpo físico mais desenvolvido.

No entanto, o brincar pensado pedagogicamente não deve se ater apenas ao entretenimento por ele mesmo, é necessário haver a mediação do professor para que aquele seja um fator de aprendizado na educação infantil. O professor deve escolher os brinquedos com que os alunos brincarão? Não necessariamente, mas ele pode dar liberdade de escolha, organizando o espaço da sala de aula, por exemplo, de forma que a criança tenha acesso aos brinquedos e que haja cantinhos com propostas de brincadeira, como uma casinha, uma cozinha, uma cabana, ou também espaços que remetam a alguma profissão como a do médico, a do professor etc. Enfim, espaços que deem opções para a criança, assim, esta usa a imaginação, a fantasia e a criatividade, ou seja, ela brinca.

Ainda, o professor poderá desenvolver uma atividade que chame a atenção das crianças, como cuidar da boneca, e a criança que tiver interesse interagirá com o professor e com as demais. Essa interação é importante para a socialização da criança bem como para o desenvolvimento do corpo e da mente desta. É necessário que o professor esteja atento e envolvido com as crianças e suas brincadeiras, e não apenas distante e espectador dos movimentos daquelas.

Sabemos que, na maioria das vezes, não é isso o que ocorre na educação infantil, que há forte controle do corpo da criança pequena, ordenando que ela se

sente, que se aquiete, não corra, não se movimente, fique em silêncio, para haver ordem na sala de aula. Ou seja, a criança é impedida de ser o que é, de desenvolver a sua principal atividade: a brincadeira.

E é nesse sentido que este trabalho se faz necessário, pois é importante falar do brincar, é crucial destacar esta atividade que é responsável por todo o desenvolvimento da criança de zero a sete anos. Escolhemos, então, a abordagem da pedagogia desenvolvida por Rudolf Steiner, conhecida como Pedagogia Waldorf. O objetivo geral do presente estudo é aprofundar acerca da importância do brincar para o desenvolvimento da criança, segundo essa pedagogia.

O interesse por esse tema surgiu pelo fato de que esta pedagogia em questão, a Pedagogia Waldorf, não faz parte do currículo do curso, portanto, será uma oportunidade de estudarmos algo novo. O primeiro contato com esse tema foi na disciplina de Metodologia de Pesquisa, ministrada pela professora Francine Marcondes, em que esta organizou um trabalho de seminário, e, entre as leituras indicadas, uma delas era a sua dissertação sobre a Pedagogia Waldorf, o que nos despertou um primeiro interesse. Para além disso, interessou-nos a forma de organização do ambiente escolar, aconchegante, próximo da natureza, com um número menor de alunos para cada docente, bem como a importância que se dá para a arte e a música na educação desde a infância.

Isso era o contrário do que observamos no estágio de educação infantil no segundo ano de graduação, pois havia um número elevado de crianças em sala para poucas professoras, o que gerava uma sensação de esgotamento por parte destas. Além disso, as crianças ficavam em um ambiente fechado durante os períodos da manhã e da tarde, um longo período sem vivências que as estimulassem, causando-lhes um comportamento indisciplinar, como, por exemplo, agredir outras crianças etc.

Ainda, a rotina observada incluía hora do sono, lanche, almoço e jantar, no entanto havia crianças que não sentiam sono ou fome nesses horários, mas tinham que cumprir a rotina. Já na Pedagogia Waldorf, isso não ocorre, a criança é livre para dormir na hora em que sentir sono e comer na hora em que sentir fome. Assim, o ritmo biológico de cada criança é respeitado, deixando-a à vontade no ambiente escolar.

Tendo em vista que o curso de Pedagogia da UEM não aborda a Pedagogia Waldorf, é importante investigar sobre esta. Os alunos do Curso de Pedagogia da

UEM não têm acesso, por meio de disciplinas compostas pelo currículo do curso, a leituras e estudos a respeito da Pedagogia Waldorf. Assim, estudar este tema no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma oportunidade de conhecermos um novo conteúdo, que poderá abrir novas possibilidades de trabalho na área da educação infantil.

Sobre a perspectiva da Pedagogia Waldorf, proposta pedagógica criada pelo austríaco Rudolf Steiner no ano de 1919 na Alemanha, escolhemos um tema que relacione a educação da criança de até sete anos com a questão do brincar.

A metodologia adotada na pesquisa será a bibliográfica, que, segundo Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para realizarmos esta análise sobre a Pedagogia Waldorf, desenvolvida por Rudolf Steiner, com foco no tema o brincar na educação de crianças pequenas, serão feitas leituras e fichamentos dos livros e artigos pesquisados. Após essa etapa, será feito um artigo com o conteúdo abstraído das leituras e fichamentos realizados, buscando referenciar autores que abordem o tema brincar na Pedagogia Waldorf, em especial no ensino no primeiro setênio, e sua importância para o desenvolvimento da criança nessa idade.

O referencial teórico que será utilizado nesta pesquisa será Rudolf Steiner (1861-1925), fundador da Pedagogia Waldorf (1919), que teve como fontes de estudos os filósofos Goethe, Kant, Schelling, Schiller, Hegel, Fichte, entre outros, e influenciou autores como Rudolf Lanz, Marcelo da Veiga, Tania Stoltz, entre outros, que também serão de grande importância para este trabalho.

Steiner (1996) apresenta a divisão do nascimento do ser humano em três corpos, e o primeiro é o corpo físico que nasce quando a criança vem ao mundo, deixando o útero de sua mãe. O segundo é o corpo etérico, ou vital, que nasce com a troca de dentição por volta dos sete anos, e na puberdade nasce o terceiro corpo, o astral. Ainda existe o corpo do eu, que só atua depois de o homem ter “formado uma parte da alma da consciência” (STEINER, 1996, p. 20). Para esse autor, “como educadores, atuamos sobre esses quatro membros do ente humano. Para podermos agir com acerto, precisamos investigar a natureza dessas partes do homem [...]” (STEINER, 1996, p. 20).

Assim, neste trabalho abordaremos as características de desenvolvimento dos quatro membros citados acima. Steiner (1996) considera importante, do nascimento até os sete anos, desenvolver o corpo físico, já dos sete aos 14 anos, a

memorização, e, dos 14 aos 21 anos, o intelecto, pois “o adolescente aprende pela memória antes de compreender conceitualmente melhor” (STEINER, 1996, p. 37).

Outro ponto importante da teoria de Rudolf Steiner são os quatro temperamentos observados no comportamento do ser humano: o sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. Segundo o autor, cada pessoa possui características de todos os temperamentos citados acima, porém um deles é predominante:

Se por seus destinos o eu do homem se fortalece a ponto de suas forças predominarem na natureza humana tetramembrada e reinar sobre os outros membros, surge o temperamento colérico. Quando ele sucumbe em especial às forças do corpo astral, então atribuímos ao homem um temperamento sanguíneo. Quando o corpo etérico ou vital atua em excesso sobre os outros membros, [...] surge o temperamento fleumático. E quando o corpo físico [...] é predominante [...] de modo que o núcleo essencial não é capaz de superar determinadas durezas desse corpo, trata-se de um temperamento melancólico (STEINER, 1994b, p. 27-28).

Para Steiner (1994b), conhecer as características de cada temperamento e saber lidar com eles é uma necessidade para o professor em sala de aula, e o temperamento deste deve estar em equilíbrio entre os quatro citados acima para melhor aprendizado do aluno em sala de aula. Nós nos aprofundaremos nesse assunto no decorrer do trabalho.

Por fim, outro conceito importante para a nossa pesquisa será o da liberdade, definido pelo autor. Para Bach Júnior (2012, p. 12), a liberdade “refere-se a um processo de autodeterminação da consciência, à atividade pensante”. O homem agiria consciente de suas ações e das forças que as impulsionam. Relacionaremos esse conceito com a educação da criança na primeira infância, considerando o desenvolvimento dos quatro corpos mencionados acima, bem como os quatro temperamentos.

Será investigada, nesta pesquisa, a importância do brincar para o desenvolvimento da criança na educação infantil, especificamente no primeiro setênio, segundo a classificação da Pedagogia Waldorf. Faremos, de início, um breve histórico das funções da educação infantil no Brasil e, em seguida, apresentaremos alguns aspectos da Pedagogia Wadorf, também apontaremos as características do desenvolvimento infantil na idade de até sete anos, para, por fim,

debatermos as possíveis contribuições do brincar nessa pedagogia para a educação infantil brasileira.

2 FACETAS QUE PERPASSARAM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Nosso foco é destacar as facetas passadas e presentes na educação infantil, principalmente no Brasil. Traremos autores que discutem também a origem da educação infantil em outros países e suas influências para o nosso país.

Kuhlmann Júnior (2000) traz uma importante discussão a respeito da história da educação infantil no Brasil, ela trata das preocupações que levaram à criação de creches e pré-escolas pelo país, destaca a quem se destinavam e para que serviam.

Dentre essas preocupações, a com a criança pobre que passava por necessidades de cuidado e a necessidade de a mãe ir para o mercado de trabalho para ajudar na renda familiar da casa impulsionaram movimentos de lutas por creches nos anos 1970, bem como a criação do Projeto Casulo, em 1977, pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) que visava à criação de vagas para crianças de zero a seis anos a baixo custo. Houve também o II e III Planos Setoriais de Educação e Cultura (PSEC), criados pelo governo militar vigente nos anos 1975-79 e 1980-85, que buscavam solucionar problemas sociais por meio da educação infantil, como a fome e altas taxas de reprovação no ensino do 1º grau.

De um lado, houve movimentos de luta favoráveis à criação de creches no sentido da assistência social e, de outro, a criação de pré-escolas visando à preparação dos alunos para o ensino do 1º grau. Havia a defesa de que a educação infantil deveria ser um direito da família, para depois ser um direito da criança. Por muito tempo, o aspecto assistencialista prevaleceu, assim, os órgãos responsáveis pela criação de vagas para essas crianças, muitas vezes, não eram vinculados ao Ministério da Educação, e sim ao da Saúde e da Assistência Social.

Outro embate da educação infantil é o do cuidado versus o trabalho pedagógico. Muitas vezes, o professor separava a questão do cuidar da aprendizagem e se negava a realizar tal trabalho por não acreditar que este fazia parte de suas obrigações, gerando a separação do serviço entre professores e auxiliares. Hoje sabemos que ambos são indissociáveis, no entanto ainda há tais discussões por conta de cargos que ainda são criados pensando nessa divisão de trabalho nos centros de educação infantil.

O trabalho pedagógico na educação infantil era realizado também por meio de jogos e brincadeiras, com o objetivo de desenvolver as habilidades mentais da criança bem como a sua socialização. Assim, defendia-se pensar para além do desenvolvimento físico na educação infantil (KUHLMANN JÚNIOR, 2000).

As autoras Abramovay e Kramer (1984) levantam um importante debate sobre as funções da pré-escola e que destacaremos a seguir, dentre elas, guardar as crianças (a pré-escola guardiã). Esta função referia-se ao momento histórico em que ocorreram transformações econômicas, sociais e políticas na Europa no século XVIII, gerando a necessidade de se guardar as crianças pobres, órfãs e filhas de operários, afastando-as da miséria e do trabalho servil, e compensar as carências infantis (a pré-escola preparatória). Já no século XIX foram criados os Jardins de Infância que se preocupavam mais com a ideia de educação do que de assistência, no entanto ainda havia a mesma preocupação anterior, a de compensar a miséria vivida pela criança, bem como o abandono familiar. Porém, para além disso, viu-se na pré-escola a oportunidade de obtenção de cultura e desenvolvimento da linguagem dessas crianças; a promoção do desenvolvimento global e harmônico da criança (a pré-escola com objetivo em si mesma) - nesta visão, a pré-escola apenas auxiliaria no próprio desenvolvimento da criança, que é inerente à faixa etária desta, sem se preocupar com a entrada no primeiro ano do ensino fundamental; instrumentalização das crianças (a pré-escola com função pedagógica) – as autoras defendem neste ponto que uma escola com função pedagógica visa ampliar o conhecimento infantil a partir da realidade da criança por meio de atividades significativas, porém vão além da cultura local desse aluno, acreditam na possibilidade de crescimento e desenvolvimento deste – e, por fim, favorecer o processo de alfabetização, que, ao contrário do que o nome sugere, não é a defesa de uma pré-escola preparatória para a alfabetização, e sim o reconhecimento de que um ensino adequado na educação infantil que favoreça o desenvolvimento da criança será o alicerce para o que virá depois quando esta adentrar no primeiro ano (ABRAMOVAY; KRAMER, 1984).

De todas essas funções que a educação infantil já teve, e ainda tem, uma delas é a preocupação do nosso trabalho: o brincar. Esta que não é a única função dessa educação, mas faz parte do trabalho do professor com as crianças pequenas e tem importante função no desenvolvimento destas. Assim, no próximo tópico

traremos alguns apontamentos sobre a Pedagogia Waldorf, para contextualizarmos os princípios dessa educação, pois é a partir dela que discutiremos o brincar.

3 BREVE CENÁRIO DA PEDAGOGIA WALDORF

A Pedagogia Waldorf foi pensada pelo austríaco Rudolf Steiner, e a primeira escola com esses princípios foi criada no ano de 1919 na cidade de Stuttgart, Alemanha. Steiner se baseou na antroposofia para se aprofundar em seus estudos, e sua aplicação não se limitou à educação, mas se estendeu também para a medicina, a farmácia e a agronomia. No tópico seguinte apresentaremos uma breve biografia de Rudolf Steiner, para depois tratarmos de seus princípios pedagógicos e do desenvolvimento da criança no primeiro setênio.

3.1 RUDOLF STEINER

Rudolf Steiner nasceu na cidade de Kraljevec (Áustria), no dia 27 de fevereiro de 1861, e foi batizado na Igreja Católica, porém seu pai era agnóstico, sua família vivia em condições simples e mudou de cidades algumas vezes em função do trabalho de seu pai (Johann Steiner) na estrada de ferro. Por conta disso, Rudolf pôde passar sua infância próximo à natureza e, ao mesmo tempo, acompanhar a rotina da ferroviária e o crescimento de indústrias.

Quando Rudolf estava com oito anos de idade, a família Steiner mudou-se para Neudörfel, e ele passou a estudar na escola local, recebendo influência artística do professor auxiliar que tocava violino, piano e desenhava bem. Ainda, este ensinou a Rudolf a geometria, na qual foi ótimo aluno. Com dez anos, passou a frequentar um liceu na cidade vizinha e lá se destacou nesta disciplina. Já aos 17 anos, começou a estudar as obras de Kant.

No ano de 1879, com 18 anos, “Rudolf Steiner matriculou-se na Academia Técnica de Viena, inscrevendo-se nas disciplinas de Biologia, Química, Física e Matemática como matérias regulares de estudo” (HEMLEBEN, 1989, p. 26). Nessa idade, adquiriu obras de filósofos do Idealismo alemão como Kant, Fichte, Hegel, Schelling e Darwin. A expectativa de seu pai era a de que Rudolf se tornasse engenheiro, no entanto este seguiu o caminho dos estudos de filosofia, história e

literatura. Seu professor, Karl Julius Schröer, por exemplo, foi de grande influência para seus estudos das obras de Goethe.

Esse mesmo professor o recomendou como professor particular de quatro rapazes da família Ladislaus e Pauline Specht, três deles Steiner acompanharia até o ginásio, o outro, de dez anos, ele conduziria sua formação completa, pois, segundo Steiner, ele “Era tido como anormal, em seu desenvolvimento corpóreo e anímico [...]. Seu raciocínio era vagaroso e preguiçoso” (HEMLEBEN, 1989, p. 39). Apesar dessa descrição, o rapaz concluiu seus estudos e se formou em medicina com o acompanhamento de Steiner durante sete anos. Para Steiner, essa foi uma experiência valiosa em sua formação, pois, com esse desafio, pôde mais tarde inaugurar o movimento de pedagogia curativa.

Além disso, Steiner foi editor das obras científicas de Goethe de 1882 a 1897, doutorou-se em filosofia na Universidade de Rostock, Alemanha, no ano de 1891, e do ano de 1899 a 1904 foi professor na Escola de Formação para Trabalhadores de Berlim. A partir do ano de 1900 se intensificaram as conferências e cursos proferidos pelo autor.

3.2 PRINCÍPIOS EDUCATIVOS DA PEDAGOGIA WALDORF

Emil Molt (1876-1936), dono de uma fábrica de cigarros, localizada na cidade de Stuttgart, Alemanha, chamada Waldorf-Astoria, pediu a ajuda de Rudolf Steiner para fundar uma escola para os filhos dos seus funcionários, assim, em 1919 foi inaugurada a primeira escola Waldorf, com a orientação de Steiner.

A educação Waldorf, como ficou conhecida, utiliza os princípios desenvolvidos por Rudolf Steiner em relação ao desenvolvimento da criança, e citaremos neste trabalho alguns deles como a questão dos temperamentos (sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico), a divisão dos corpos (físico, etérico, astral e eu) e as atividades anímicas do pensar, sentir e querer.

Como citado anteriormente, Rudolf Steiner se baseia na antroposofia, definida como uma ciência espiritual:

[...] A Antroposofia é uma ciência espiritual que vê o homem como um ser constituído de corpo, alma e espírito. A concepção do desenvolvimento da criança é baseada nesta visão do homem. A partir dela, Rudolf Steiner desenvolve a Pedagogia Waldorf como

uma arte de educar que tem como preocupação central a criança, com suas necessidades e perguntas profundas em cada idade. (IGNACIO, 2014, p. 10).

Como a autora destaca, essa pedagogia vê o ser humano em sua totalidade, corpo, alma e espírito, e sua educação leva em consideração esse todo. Portanto, os estudos sobre os temperamentos, a divisão dos corpos e as atividades anímicas são frutos dos estudos de Steiner a respeito da antroposofia, ao questionar as necessidades da criança em cada setênio.

Temos aspectos dos quatro temperamentos em nossa personalidade, porém um deles se manifestará de forma mais evidente. Steiner afirma que, em diferentes idades, um dos temperamentos torna-se predominante, assim, na infância temos o sanguíneo, na juventude, o colérico, na maturidade, o melancólico e, na velhice, o fleumático predomina. Segundo Kügelgen (1984, p. 42),

[...]. As diferentes idades possuem seu temperamento particular: toda criança, inclusive a melancólica, tem uma determinada nota sanguínea, o velho, por sua vez, tende ao sossego, à imobilidade que sua condição física exige, à fleuma, o que não exclui que sua alma conserve a mobilidade e o ânimo juvenil. Esse ânimo imprime à juventude uma nota predominantemente colérica. A atitude reflexiva do homem ativo, na maturidade, a necessidade de ponderar, julgar e aquilatar as consequências dos seus atos, determinam a nota basicamente melancólica dessa idade.

Os temperamentos estão vinculados às funções orgânicas e físicas do ser humano. Na educação Waldorf as crianças são agrupadas segundo seu temperamento predominante, em fileiras de carteiras diferentes. Assim, o/a professor/a altera seu tom de voz de acordo com a necessidade de cada temperamento.

O professor “deve possuir os quatro temperamentos e dominá-los. [...] deve esforçar-se para desenvolver o quinto temperamento, o seu, de mestre, o que abrange, organiza e utiliza os outros quatro, conforme seja necessário” (KÜGELGEN, 1984, p. 41).

Steiner defende uma educação homeopática, de igual para igual, dos temperamentos, ele acredita que a criança, ao ter que conviver e lidar com outras crianças de temperamento iguais ao dela, chegará à harmonia, pois colérico com

colérico lidarão com “empurrões, choques, trovões e relâmpagos [...] despertando neles a ânsia pela paz e pelo convívio razoável” (KÜGELGEN, 1984, p. 40).

São características do temperamento sanguíneo a alegria, a leveza (elemento “ar”) e a agilidade. A criança que possui esse temperamento predominante pode ter dificuldades em fixar a sua atenção a uma tarefa por um longo período, porém geralmente é inteligente, necessitando apenas de mais concentração. O temperamento melancólico, por sua vez, possui a tristeza e certo peso proveniente do elemento “terra”, procura isolar-se do mundo e cria um mundo imaginário para si. Possui uma sensibilidade física e psíquica e movimentos rítmicos e musicais podem ajudá-la. A criança colérica (elemento “fogo”) possui momentos de explosões de raiva, e seu autocontrole é frágil, no entanto é responsável, aplicada e possui espírito de liderança. Por fim, o temperamento fleumático (elemento “água”) é introvertido, gosta de ficar só, é perseverante, ordeiro e bondoso, mas costuma ser lento para aprender, sendo necessário despertar-lhe a atenção.

Na Pedagogia Waldorf, o conhecimento sobre os temperamentos das crianças em sala de aula é utilizado como um recurso pedagógico pelo professor pois, a partir dele, este saberá como lidar com cada criança em específico, contribuindo para o aprendizado e desenvolvimento da mesma.

Rudolf Steiner divide o desenvolvimento do ser humano de sete em sete anos, ou seja, por setênios, e, por meio dele, se dá a divisão do nascimento dos corpos (físico, etérico, astral e eu), ou seja, nos primeiros sete anos de vida, ou primeiro setênio, ocorre o nascimento do corpo físico, no segundo setênio, dos sete aos 14 anos, acontece o nascimento do corpo etérico, dos 14 aos 21 anos, há o nascimento do corpo astral, e dos 21 aos 28, o nascimento do corpo do “eu”.

Segundo Lanz (1979, p. 35) “Ao nascer, o homem evidentemente já possui os quatro membros (corpos físico, etérico, astral e Eu); do contrário, não seria um ser humano. Mas na realidade, o que realmente ‘nasceu’ foi apenas o corpo físico – cortou o laço que o unia ao corpo materno, ou seja, o cordão umbilical”.

O querer, sentir e pensar estão, respectivamente, relacionados com os 1º, 2º e 3º setênios, representam também, sequencialmente, os processos mentais da inconsciência, semiconsciência e consciência. No processo de aprendizado da criança, primeiro deve-se dirigir-se à vontade (querer), depois, ao sentimento (sentir), e, por fim, atingir o intelecto (pensar).

Os pais e educadores que lidam com a criança nos primeiros sete anos têm esta tarefa: ser exemplo no esforço de fazer o melhor e criar um ambiente que possibilite a formação sadia do organismo infantil, para que na idade escolar possam desabrochar as capacidades anímicas – querer, sentir, pensar – de forma plena e harmoniosa (IGNACIO, 2014, p. 15).

A criança aprende por imitação, então, à sua volta professores e familiares devem tomar condutas exemplares e educativas, como zelar pelo ambiente, adotar hábitos saudáveis de alimentação, ser equilibrado em seus temperamentos, para que a criança reproduza esses comportamentos e aprenda com eles.

No próximo tópico deste trabalho apresentaremos uma breve explicação do processo de desenvolvimento da criança no primeiro setênio (0-7 anos), deixaremos de lado os demais, pois o nosso foco é a educação na primeira infância.

3.3 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO PRIMEIRO SETÊNIO

A criança do primeiro setênio, do zero aos sete anos, tem seus processos vitais como a alimentação, o sono, o metabolismo e seus movimentos plasmados pelo corpo etérico. Sua consciência é reduzida, por isso é permeável às influências do mundo ambiente:

A criança absorve inconscientemente não só o que existe sob aspecto físico ao seu redor; o clima emotivo que a circunda, o caráter e os sentimentos das pessoas que a rodeiam, tudo isso penetra na criança e é absorvido pelo corpo etérico. Ora, este plasma nessa idade o corpo físico, formando os órgãos, criando disposições e influenciando funções metabólicas e outras. As influências que emanam do mundo ambiente exercem, portanto, efeitos profundos sobre a organização física e psíquica da criança, efeitos que se farão sentir durante a vida futura (LANZ, 1979, p. 38).

Em razão disso, o professor deve estar atento a essa permeabilidade da criança e ser exemplo, pois a criança, nessa fase, aprende por imitação e, a partir do que absorve do mundo a sua volta, ela imita. Portanto, o maior instrumento de ensino do educador nessa fase é o seu próprio comportamento.

É nessa fase que a criança aprender a andar, falar e pensar, três importantes atividades que a acompanharão por toda a vida. Para a criança, “aprender a andar significa encontrar as direções espaciais do mundo e nelas engajar o próprio

organismo” (STEINER, 1994a, p. 12), e a função do professor é apenas a de auxiliá-la, jamais a forçar a manter-se na posição ereta, acelerando o processo do desenvolvimento dela. Quando a criança aprende no seu tempo a equilibrar-se sozinha e dar os primeiros passos, será capaz de desbravar o mundo à sua volta. Até os dois anos de idade a criança aprende a andar ereto. A forma como conquistamos essa habilidade traz conseqüências na nossa vida adulta, por exemplo, a aquisição de qualidades como a confiança, a coragem, a perseverança etc. (IGNACIO, 2014).

A fala se manifesta a partir do desenvolvimento motor da criança, primeiro são adquiridos o andar, os gestos, a motricidade, depois ocorre o falar, resultado da conquista anterior. É necessário que o professor ensine a criança o andar com amor, para que esta domine bem a sua fala (STEINER 1994a).

Assim, se a criança não desenvolveu o andar de forma satisfatória, o falar também não se desenvolverá, pois o falar depende do andar para se desenvolver. Cabe ao educador auxiliar a criança nesse processo, evitando a fala infantilizada e comunicando-se com a criança, como faz habitualmente.

Já no terceiro ano de vida, a linguagem é aperfeiçoada e, por meio dos exercícios gramaticais, são despertados o pensar e a autoconsciência. A criança passa a se perceber como sujeito, como “eu” no singular, separando-se do restante a sua volta, e, para firmar a sua personalidade, muitas vezes ela entra em confronto com aquilo que representa o outro e pode apresentar raiva e teimosia.

O pensar decorre do desenvolvimento da fala e deve ser claro para a criança. Portanto, o educador deve evitar pensamentos confusos próximo da criança, pois a prejudicará no futuro, causando-lhe, por exemplo, o nervosismo. São necessários, segundo Steiner (1994a, p. 19), “Amor no aprendizado do andar, veracidade no aprendizado da fala, clareza e determinação durante o aprendizado do pensar”. Portanto, sendo o professor exemplo a ser imitado pela criança, ele deve apresentar tais características ao ensinar o andar, o falar e o pensar. Ignácio defende que

[...] as educadoras que trabalham nas creches fazem um trabalho de educação da mais alta importância, pois nos primeiros anos de vida a criança constrói a base física (de saúde) e psíquica (sentimentos equilibrados, autoconfiança e a base do futuro desenvolvimento intelectual) para toda a vida (IGNACIO, 2014, p. 9-10).

Segundo essa autora, no primeiro ano de vida é plasmado na criança o sistema neurossensorial, já no segundo ano de vida “ocorre o amadurecimento dos órgãos do sistema rítmico-circulatório no tórax” (IGNACIO, 2014, p. 23) e, no terceiro ano de vida, “as forças plasmadoras aperfeiçoam os órgãos digestivos, base do sistema metabólico-motor” (IGNACIO, 2014, p. 23). A criança é considerada uma esponja, absorve tudo a sua volta, sendo esse o momento em que seu corpo físico está sendo formado, e é de extrema importância que o ambiente em que ela vive promova sua saúde física.

Dos três aos cinco anos amadurece o sistema rítmico (sistema respiratório e de circulação sanguínea), favorecendo atividades musicais, de ritmo e de dança, a criança aprende a brincar em grupo, pois ocorre descentralização do “eu” e ela passa a perceber o mundo a sua volta, o seu pensar lógico ou abstrato se manifesta na fantasia, e o início do desenvolvimento da memória é possibilitado pela autoconsciência despertada. Referente aos anos de cinco a sete, o sistema metabólico amadurece e, no final dos sete anos, ocorrem as trocas de dentição, marcando o final do primeiro setênio e o início do segundo. Nessa transição há uma crise na criança, que se torna agressiva, desanimada, e sua capacidade de fantasia diminui. Ainda nessa idade, a criança começa a apresentar planejamento e pensamento em suas ações, o brincar começa a ser imitativo e tem início, meio e fim. A partir do segundo setênio, a criança está pronta para a escola, antes disso, toda atividade precoce é prejudicial, pois “as forças que usamos para as atividades intelectuais são as mesmas que o nosso corpo usa para manter sua saúde. [...] Crianças que são forçadas intelectualmente ficam pálidas, nervosas, sentem dor de barriga e podem ficar seriamente doentes no futuro” (IGNÁCIO, 2014, p. 25).

Assim, o brincar é atividade mais séria da criança durante o primeiro setênio, é por meio dela que a criança se desenvolve como um todo e fica pronta para desenvolver atividades escolares posteriormente (IGNACIO, 2014). Primeiro, a criança precisa desenvolver seu corpo físico, depois, o intelecto, e a brincadeira é a forma saudável de desenvolvê-lo. Por esse motivo, daremos destaque ao brincar no próximo tópico.

4 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA WALDORF

Abordaremos neste tópico o conceito do que é o brincar e qual a sua importância para o desenvolvimento da criança pequena, bem como as contribuições da Pedagogia Waldorf para o brincar na educação infantil no Brasil.

Segundo o dicionário Aurélio, o brincar é definido como “divertir-se infantilmente; entreter-se em jogos de crianças. Divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar. Agitar-se alegremente; foliar, saltar, pular, dançar” (FERREIRA, 2009, p. 329).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998, “[...] para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. [...]” (BRASIL, 1998, p. 27), assim, a criança utiliza a imaginação e a criatividade para imitar e transformar o que vê no dia a dia na brincadeira. Ainda, segundo o documento, “A brincadeira favorece a auto-estima das crianças [...]. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. [...]” (BRASIL, 1998, p. 27). Percebemos que o documento trata da importância do brincar para as crianças, porém será que a rotina da educação infantil atual permite que a criança brinque? Será que essa é a preocupação principal dos professores em relação às crianças? Ou a alfabetização, a língua estrangeira e outras habilidades ligadas ao intelecto estão ganhando cada vez mais espaço dentro da educação infantil, fazendo com que o brincar fique em último plano?

Afinal, o que é brincar? Qual a sua importância para o desenvolvimento da criança? Nosso objetivo é refletir sobre como podemos contribuir com avanços significativos com a prática pedagógica da educação infantil brasileira.

Segundo Kishimoto (2010, p. 1), “[...] o brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige, como condição, um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades, e introduz no mundo imaginário [...]”

Pensando nessa definição da autora, percebemos que o brincar necessita de tempo livre, pois, se a escola em que a criança estuda tomar o tempo desta com outras atividades e deveres, não lhe sobrar tempo para criar uma brincadeira. Esta é feita pela criança, no entanto é necessário que haja condições estruturais para que

ela aja. Se a criança estiver com limite de espaço que não lhe permita o movimento e que não existam objetos ou elementos reais/ imaginários a seu alcance, ficará difícil para ela interagir com o ambiente à sua volta.

E por que a brincadeira é importante? Mais uma vez Kishimoto (2010, p. 1) afirma:

[...] porque dá o poder à criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como a ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Se na educação infantil visamos desenvolver os aspectos linguístico, físico, cognitivo, psíquico, social e afetivo da criança, é no brincar que encontraremos o meio ideal para que isso ocorra. Assim, devemos dar a devida importância e atenção a esse fator, para que alcancemos o pleno desenvolvimento de nossas crianças nessa faixa etária.

Segundo Kishimoto (2010), o professor deve criar situações de brincadeira com a criança, pois esta desconhece as possibilidades existentes do brincar, então é o adulto quem deve apresentar-lhes tais realidades, para que, a partir destas, a criança crie novas regras e novos jeitos de vivenciar tais brincadeiras, por meio de diferentes objetos, não necessariamente precisa ser um brinquedo. É necessário oferecer segurança para a criança, e, até mesmo pela organização do espaço, o professor alcançará resultados satisfatórios.

A respeito dos objetos utilizados Kishimoto (2010, p. 2), defende que a

[...] seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente e adequado, apropriado a diversos usos, garantir a segurança, ampliar oportunidades para brincar, atender à diversidade racial, não conter preconceitos de gênero, classe social e etnia, não estimular a violência, incluir diversidade de materiais e tipos: tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais [...].

Entendemos, então, que deve haver preocupação com a idade da criança que utilizará tais tipos de brinquedos destacados pela autora citada anteriormente, visando à segurança daquela, também devemos pensar nas possibilidades de desenvolvimento que trarão para os alunos. Enfim, não é qualquer tipo de material, o brinquedo é algo a ser pensado seriamente pelo professor.

Devemos ressaltar que o brincar é um direito da criança e dever do Estado e da própria sociedade, e, conforme estabelecido no próprio Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº. 8.069/1990) –, em seu artigo 16, IV, aquela deve brincar, praticar esportes e divertir-se. Nesse sentido, o professor é um agente fundamental, pois tem o potencial de viabilizar as práticas de brincadeiras em sala de aula (BRASIL, 1990).

Como o presente trabalho tem como foco a abordagem da Pedagogia Waldorf, nós nos aprofundaremos sobre o brincar dentro desta. Assim, o brincar, na concepção dessa pedagogia, é compreendido como a ação principal da criança no primeiro setênio, pois é a partir desta atividade que a criança plasma seus órgãos, desenvolvendo-se integralmente e com saúde plena. Essa pedagogia considera prejudicial à saúde da criança ainda em formação sujeitá-la a atividades que exigem, de forma exagerada, a memorização e o pensamento abstrato. Priorizar a brincadeira nessa faixa etária é uma escolha embasada no estudo do desenvolvimento do ser humano, desde o primeiro setênio.

O jardim de infância, na Pedagogia Waldorf, respeita o processo perpassado nessa fase que exige o brincar para que, na idade adequada, após os sete anos, a criança consiga desenvolver outras habilidades, como as citadas no parágrafo anterior.

Como afirma Ignácio (2014, p. 41-42),

[...] Até os sete anos, tudo o que a criança faz tem como origem esse processo plasmador que está acontecendo em seu interior. Por isso, a criança não pode parar e **tem de brincar**. Esse ato de brincar não possui finalidade lógica imposta de fora, mas segue os impulsos inconscientes que têm sua origem dentro do organismo (grifos da autora).

A Pedagogia Waldorf compreende o brincar como uma atividade livre de regras pré-determinadas e objetivos a serem cumpridos. Quem as cria é a criança, e esta tem total liberdade para agir conforme seus impulsos inconscientes.

A inquietação da criança tem relação com a força de vontade que representa essa fase do querer agir, brincar, transformar. O professor precisa apoiar essa força de vontade para que a criança, na sua fase adulta, tenha vontade de agir e transformar o mundo a sua volta (IGNACIO, 2014). Ainda sobre essa questão Ignacio (2014, p. 40) afirma que “[...] o homem não é feito só de cabeça, ele também tem coração e membros. Ele não só pensa, como também sente e age. E principalmente antes dos sete anos, podemos fortalecer a vontade do agir”.

A criança precisa ter espaço e liberdade em seu ambiente para agir. Não é sentada em uma cadeira, ou limitada a um lugar pequeno e com regras impostas para que fique quieta e calada que ela exercitará essa vontade de agir.

Por meio da brincadeira, a criança exercita sua fantasia, imita, cria, experiencia situações que a fazem sentir emoções diversas. O tipo de brinquedo que ela utiliza tem importância na Pedagogia Waldorf, ele não pode ser “pronto”, como, por exemplo, o boneco, que contém uma expressão definida e limita a capacidade imaginativa da criança. Ao contrário, uma boneca sem expressão facial fará com que a criança crie várias possibilidades de fantasia para um mesmo brinquedo.

O próprio processo de montagem da boneca é realizado pelo professor com os seus alunos, e isso faz parte da rotina de uma escola Waldorf. O material escolhido não é ao acaso, a lã, para fazer a boneca, por exemplo, representa a aproximação com a natureza, aspecto muito valorizado. Além disso, é um material resistente, durará vários anos, e este quesito é importante, pois, além de ser natural, não é descartável, ensina a criança a valorizar o que tem em mãos. Assim, demonstramos que é possível cuidar e consertar o brinquedo, não é necessário comprar um novo, aderindo ao apelo capitalista, e sim brincar com aquilo que ainda a criança tem.

Para se fazer um carrinho de brinquedo, prioriza-se a madeira, pois esta corresponde aos critérios citados acima: ser proveniente da natureza e resistente. No entanto, o brinquedo Waldorf não precisa necessariamente tomar forma de algum objeto, pode ser um pedaço de madeira, galhos ou folhas de árvores, a própria terra, a água, a areia, a pedra, que são elementos que a criança encontra no ambiente da escola Waldorf e os transforma em brinquedos por meio da sua ação sobre eles.

Dessa forma, a criança entrará em contato com objetos de diferentes texturas, cores, formas, cheiros e, assim, explorará o mundo a sua volta. Nessa faixa etária de

até sete anos em que a criança está desenvolvendo principalmente seu corpo físico, essa interação com o ambiente é muito rica e promove um aprendizado valioso.

O que há de diferente no brincar da pedagogia Waldorf para a educação infantil na realidade brasileira? Como vimos no desenvolvimento do trabalho, os materiais utilizados, o espaço e a compreensão do que é o brincar e como brincar são diferentes. Então, quais influências Waldorf poderíamos encontrar na educação infantil no Brasil? Primeiramente, tudo o que é eletrônico, artificial e sintético não integra tal educação, dessa maneira, encontraríamos um ambiente cercado pela natureza e as crianças teriam o máximo de contato com ela. Estas se sujariam na terra, na areia, nas pedras, e isso não seria encarado como um problema e sim como uma atividade importante e necessária para o desenvolvimento delas.

Nas escolas Waldorf o ambiente é pensado de forma que pareça um lar aconchegante, confortável e seguro para a criança, que oferece tranquilidade à sua rotina e liberdade de escolha para ela, pois a criança é convidada a participar de brincadeiras e atividades lúdicas, que utilizam fantasia e a imaginação, e ela não é obrigada a fazer, se não for de sua vontade. Há liberdade de expressão, movimento e criação nesse brincar, por isso é chamado de brincar livre.

Mesmo que a criança não aceite o convite do professor para realizar a atividade, ao vê-lo fazendo com outras crianças, ela acaba participando, interessando-se e imitando, portanto, o comportamento da professora sempre deve ser de exemplo, pois essa é uma fase em que as crianças aprendem muito por imitação. Assim, o professor sempre zela pelo ambiente, pela natureza, mostrando seu respeito pelos mesmos, dessa forma, não é necessário falar, a criança aprende observando.

A música, a arte e os trabalhos manuais são valorizados nessa educação, desde pequenas as crianças têm contato com pintura, instrumentos musicais como o cantelê, artesanato como o crochê, trabalham também com a argila, fazem pão etc., e todas essas atividades auxiliam no desenvolvimento da coordenação motora, na apuração dos sentidos inferiores como o tato, paladar, olfato, movimento e equilíbrio. Também auxiliam a criança a vivenciar o mundo da fantasia, muito importante para essa fase. Os materiais utilizados nas brincadeiras, como os panos e os pedaços de madeiras, exigem da criança um brincar ativo, com esforço e criatividade.

As principais contribuições que a Pedagogia Wadorf poderia dar para a educação infantil no Brasil podem ser resumidas com os seguintes conceitos:

respeito e valorização da natureza, da arte e da música, liberdade de movimento e de criação, e, por fim, atribuição do brincar como a atividade principal da criança de até sete anos, pois essa pedagogia defende que é pelo brincar que a criança se preparará para o ensino fundamental e estará apta ao processo de alfabetização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo acerca do brincar na Pedagogia Waldorf, com atenção especial à educação infantil, tem sua importância na área da educação, pois vivemos uma realidade em que a criança de até sete anos está sendo tratada nas escolas como um ser que possui apenas o intelecto a ser desenvolvido e onde se esquece do corpo como um todo, podendo, inclusive, o movimento e a produção de sons, pela criança, exigindo dela um comportamento estático e silencioso. É uma prática incoerente às necessidades fundamentais infantis, a criança está aprendendo a se locomover, explorando seus movimentos e limites corporais, bem como aprendendo a falar, interagir em seu grupo social.

Assim, o nosso objetivo foi o de nos aprofundarmos acerca da importância do brincar para o desenvolvimento da criança nessa faixa etária, segundo os princípios da Pedagogia Waldorf. Diante das leituras e estudos, constatamos que essa pedagogia trata o brincar como a atividade mais importante da criança nessa idade, pois o seu desenvolvimento integral (corpo e mente) dependerá dessa ação.

No entanto, observamos que as especificidades que fizeram parte da educação infantil, tanto no Brasil como em outros países, não deram prioridade ao brincar, havia outras preocupações como a fome e a necessidade de cuidados que atendessem às necessidades físicas da criança, bem como a inserção de mães e pais no mercado de trabalho impossibilitando o acompanhamento dos filhos durante o dia, fazendo-os necessitar de uma instituição que o fizesse.

Além disso, houve mais tarde as preocupações pedagógicas, porém estas eram a respeito do grande número de crianças que não conseguiam acompanhar o ensino fundamental e muitas vezes se evadiam, assim, o termo pré-escola se justificava pela preocupação de preparar a criança para a escola que aquela frequentaria mais tarde. Dessa forma, percebemos que a função da educação infantil oscilava entre assistência social e pré-escola, assim, o brincar ficava esquecido e desvalorizado.

Ao contrário disso, na educação infantil da Pedagogia Waldorf, o brincar é extremamente valorizado, assim, as atividades são voltadas para esse foco. A criança é ensinada, por meio do exemplo e imitação, a valorizar e cuidar do ambiente a sua volta, o contato com a natureza é constante, pois as escolas Waldorf são construídas e pensadas nesse meio. O professor desenvolve atividades e brincadeiras, estendendo o convite à criança, mas esta não é obrigada a participar, só se envolve se se sentir à vontade.

Artesanatos como o crochê, a confecção de bonecas, atividades manuais como o modelamento da argila e culinárias, como fazer pão, fazem parte da rotina da educação infantil na Pedagogia Waldorf. Os brinquedos são pedaços de madeira, pano, areia, terra, folhas das árvores, boneca feita de lã e exigem a capacidade de criação e imaginação por parte da criança, pois não são prontos e acabados. Esse ambiente permite o movimento livre da criança e a opção de escolha da atividade a ser realizada, o que faz com que aquela se desenvolva de forma saudável, sem provocar-lhe estresse e fadiga.

Rudolf Steiner desenvolveu seus estudos com base na antroposofia e considerava alguns aspectos a respeito do desenvolvimento da criança. O que podemos aprender com os temperamentos (sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico) é que cada pessoa possui um temperamento predominante em sua personalidade, o sanguíneo representa uma pessoa alegre, extrovertida, enquanto o colérico seria uma pessoa mais enérgica e com um ar de dureza, já o fleumático, a calma, e o melancólico, a sensibilidade à flor da pele. O professor conheceria os temperamentos de seus alunos, para, então, atuar em cada um deles, proporcionando um aprendizado de acordo com as especificidades de cada criança.

Também vimos que o nascimento do corpo se divide entre o físico, que é quando a criança vem ao mundo, o etérico, quando ocorre a troca de denteição, o astral, na puberdade, e o "eu", na juventude. Assim, o desenvolvimento do ser humano é dividido de sete em sete anos (setênios), e neste trabalho nosso foco foi o primeiro setênio em que o corpo físico é objeto de principal atenção, pois é nesse período que ele se desenvolve.

Levando isso em conta, o professor em sala de aula deve pensar em atividades que favoreçam o desenvolvimento desse corpo, e a brincadeira é uma ferramenta importante para auxiliar a criança a passar por essa fase. Deve-se levar em consideração o aprimoramento do tato, do paladar, do movimento e do equilíbrio.

O professor também deve dar atenção às atividades anímicas do pensar, sentir e querer, em cada aula lecionada ele precisa atingir o intelecto (pensar), o sentimento (sentir) e a vontade (querer) do aluno, para que ocorra a aprendizagem de fato.

Para realizar um trabalho de excelência, o professor precisa apoiar a sua prática na teoria. Ainda há poucos estudos a respeito da Pedagogia Waldorf, em sua maioria os cursos de formação para professores Waldorf são segregados dos Cursos de Pedagogia nas universidades e encarados como uma graduação à parte. A formação do professor Waldorf dura em média quatro anos e é encarada como indispensável para a atuação do professor nas escolas Waldorf.

Com isso, há pouco conhecimento, por parte de professores formados e em formação, a respeito dessa educação. Por esse motivo, escolhemos essa abordagem de estudo, pois acreditamos que isso enriqueceria nossos conhecimentos e nos auxiliaria em sala de aula como professora. Este estudo, no entanto, pode ser comparado com um grão de areia no meio do deserto, pois é muito pequeno perto da grandiosidade que é o estudo de Rudolf Steiner a respeito da antroposofia e a educação Waldorf. Desejamos e esperamos que a Pedagogia Waldorf cresça cada vez mais no meio acadêmico no Brasil, para que os futuros professores, assim como nós, tenham outros caminhos para percorrer na educação, em especial, na educação infantil, para que as crianças tenham o direito garantido de brincar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; KRAMER, Sonia. O rei está nú: um debate sobre as funções da pré-escola. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 9, p. 27-38, 1986.

BACH JÚNIOR, Jonas. **A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner**. 2012. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BRASIL. **Lei nº. 8.069/1990, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HEMLEBEN, Johannes. **Rudolf Steiner**. São Paulo: Antroposófica, 1989.

IGNACIO, Renate Keller. **Criança querida: o dia a dia da Educação Infantil**. 3. ed. São Paulo: Antroposófica; Associação Comunitária Monte Azul, 2014.

KISHIMOTO, T. M.. Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO. PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. p. 1-20.

KÜGELGEN, Helmut von. **A educação Waldorf: aspectos da prática pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1984.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 12, p. 5-18, maio, 2000.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf** caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

STEINER, Rudolf. **Andar, falar, pensar: a atividade lúdica**. São Paulo: Antroposófica, 1994a.

STEINER, Rudolf. **O mistério dos temperamentos: as bases anímicas do comportamento humano**. São Paulo: Antroposófica, 1994b.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança: segundo a Ciência Espiritual**. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.